

Especialização em  
Educação Inclusiva

# **INTRODUÇÃO AO SISTEMA BRAILLE E AUDIODESCRIÇÃO**

*Eva Lúcia  
Maniçoba  
de Lima*

# INTRODUÇÃO AO SISTEMA BRAILE E AUDIODESCRIÇÃO

*Eva Lúdia  
Maniçoba  
de Lima*



**PRESIDENTE DA REPÚBLICA**

Jair Messias Bolsonaro

**MINISTRO DA EDUCAÇÃO**

Victor Godoy Veiga

**SECRETARIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Mauro Luiz Rabelo

**SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

Tomás Dias Sant'Ana



**INSTITUTO FEDERAL**  
Rio Grande do Norte

**REITOR**

José Arnóbio de Araújo Filho

**PRÓ-REITOR DE PESQUISA E INOVAÇÃO**

Avelino Aldo de Lima Neto

**CAMPUS AVANÇADO NATAL - ZONA LESTE**

**DIRETOR-GERAL**

José Roberto Oliveira dos Santos

**DIRETOR DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E TECNOLOGIA EDUCACIONAL**

Wagner de Oliveira

**COMITÊ EDITORIAL DA DIRETORIA DE EDUCAÇÃO  
A DISTÂNCIA E TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS –  
CAMPUS AVANÇADO NATAL - ZONA LESTE/IFRN**

**PRESIDENTE**

Wagner de Oliveira

**MEMBROS**

José Roberto Oliveira dos Santos  
Albérico Teixeira Canario de Souza  
Glácio Gley Menezes de Souza  
Wagner Ramos Campos

**SUPLENTE**

João Moreno Vilas Boas de Souza Silva  
Allen Gardel Dantas de Luna  
Josenildo Rufino da Costa  
Leonardo dos Santos Feitoza

**EQUIPE | PRODUÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO DA ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA.**

**COORDENADORES DA ELABORAÇÃO DO MATERIAL**

Gueidson Pessoa de Lima  
Wagner de Oliveira  
Thiago Medeiros Barros

**REVISORES DE LINGUAGEM E ABNT**

Rodrigo Luiz Silva Pessoa  
Wagner Ramos Campos  
Maria Valesla Rocha da Silva

**AUTORA**

Eva Lúcia Maniçoba de Lima

**DIAGRAMADOR**

Rodrigo Ribeiro de Sousa Galvão

**REVISORA DE CONTEÚDO**

Katiene Symone de Brito Pessoa da Silva

L732i

Lima, Eva Lúcia Maniçoba de.  
Introdução ao sistema braille e áudio descrição. / Eva Lúcia Maniçoba de Lima, – 2022.  
86 f. ; 30cm.

Guia (Projeto Instrucional – Especialização em Educação Inclusiva). Instituto Federal de Educação,  
Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Natal (RN), 2022.

ISBN: 978-65-84831-29-2

1. Educação 2. Guia 3. Educação Inclusiva 4. Pós-Graduação I. Título.

CDU: 376-056.262

Catálogo na publicação pelo Bibliotecário-Documentalista  
Ezequiel da Costa Soares Neto CRB15/613  
Biblioteca Sebastião Názaro do Nascimento (BSNN) – IFRN



**CONTATO**

**Endereço:** Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol.  
**CEP:** 59015-300, Natal-RN.  
**Fone:** (84) 4005-0763 | **E-mail:** editora@ifrn.edu.br

**Prefixo editorial:** 94137

**Linha editorial:** Material Didático

**Disponível para download em:** <http://memoria.ifrn.edu.br>



# SUMÁRIO

---

PALAVRAS DO PROFESSOR-AUTOR .....	06
PROJETO INSTRUCIONAL .....	07
ROTEIRO DE ESTUDO .....	08
MAPA CONCEITUAL .....	09
INTRODUÇÃO .....	10
REFERÊNCIAS .....	12
CURRÍCULO SINTÉTICO DO PROFESSOR-AUTOR .....	14

▶ <b>AULA 1 - O SISTEMA DE ESCRITA BRAILLE – A COMUNICAÇÃO NA PONTA DOS DEDOS</b> .....	<b>15</b>
CONTEÚDO E SEUS DESDOBRAMENTOS .....	16
UM POUCO DE HISTÓRIA .....	17
PARA SABER MAIS... .....	31
REFERÊNCIAS .....	32
▶ <b>AULA 2 - LEITURA E ESCRITA POR MEIO DO SISTEMA BRAILLE</b> .....	<b>34</b>
CONTEÚDO E SEUS DESDOBRAMENTOS .....	35
A LEITURA E A ESCRITA BRAILLE .....	36
AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM .....	50
SÍNTESE DA AULA .....	57
REFERÊNCIAS .....	58



▶ <b>AULA 3 - AUDIODESCRIÇÃO: EU VEJO O QUE VOCÊ DIZ</b> .....	<b>59</b>
<b>CONTEÚDO E SEUS DESDOBRAMENTOS</b> .....	<b>60</b>
<b>O QUE É AUDIODESCRIÇÃO</b> .....	<b>60</b>
Um Breve Histórico .....	<b>62</b>
<b>PRINCÍPIOS DA AUDIODESCRIÇÃO</b> .....	<b>63</b>
<b>AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM</b> .....	<b>67</b>
<b>SÍNTESE DA AULA</b> .....	<b>69</b>
<b>SUGESTÃO PARA ATIVIDADE</b> .....	<b>71</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>72</b>
▶ <b>AULA 4 - AUDIODESCRIÇÃO E ACESSIBILIDADE CULTURAL</b> .....	<b>74</b>
<b>CONTEÚDO E SEUS DESDOBRAMENTOS</b> .....	<b>75</b>
<b>ATIVIDADES INTEGRADAS</b> .....	<b>78</b>
<b>SÍNTESE DA AULA</b> .....	<b>79</b>
<b>LEITURAS COMPLEMENTARES</b> .....	<b>80</b>
<b>AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM</b> .....	<b>84</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>85</b>



# PALAVRA DO PROFESSOR-AUTOR

▶ Olá! Seja muito bem-vindo(a) à disciplina: **Introdução ao Sistema Braille e à Audiodescrição**. Em uma sociedade predominantemente imagética, garantir o direito à educação, o acesso aos bens culturais e o pleno exercício da cidadania àqueles(as) que não dispõem do sentido da visão, torna-se um desafio dentro do compromisso com a democratização do conhecimento e o exercício de práticas emancipatórias. A escola, enquanto espaço privilegiado da presença e trabalho com a diversidade, torna-se palco de novas aprendizagens, provocadas, também, pela presença de estudantes com deficiência visual em turmas regulares.

Seguindo com nosso itinerário formativo, no sentido da valorização da diversidade e construção de ambientes escolares Inclusivos, a partir de agora, iremos conhecer um pouco mais acerca da história do atendimento educacional voltado às pessoas com deficiência visual. Entenderemos as especificidades decorrentes dessa deficiência, bem como a utilização de dois recursos fundamentais para a garantia da acessibilidade voltada às pessoas cegas ou com baixa visão: o código Braille e a audiodescrição.

Com este módulo, esperamos contribuir com o exercício da reflexão e permanente construção de novos conhecimentos. Durante este processo, sinta-se à vontade para interagir conosco por meio das diversas mídias disponibilizadas no decorrer da disciplina e, assim, contribuir para a valorização dos conteúdos e atividades propostas. Sua participação é fundamental nesse processo de aprendizagem! Vamos juntos!

Limites são medidas subjetivas, frutos de nosso próprio julgamento. Limitações seriam imposições objetivas, impedimentos com os quais temos de lidar, independentemente dos critérios que aplicamos sobre nós mesmos. Limitações geram limites, mas a recíproca nem sempre é verdadeira.

(Sérgio Sá, 2004, p.59)

Bons estudos!

# PROJETO INSTRUCIONAL

- ▶ Com carga horária de 40h/a, esta disciplina tem por objetivo compreender os princípios básicos do sistema de escrita Braille e da audiodescrição, enquanto recursos de acessibilidade para pessoas com deficiência visual. Para isso, realizaremos atividades na plataforma *Moodle*, com o uso do programa *Braille Fácil*, estudos dirigidos com abordagem prática, fóruns de discussão, chats e vídeos.

Todo este material foi organizado com a intenção de proporcionar a você meios para a construção de conhecimentos significativos em relação às especificidades e necessidades educacionais decorrentes da deficiência visual. Pretendemos também que você possa conhecer o contexto histórico e social no qual ocorreu a criação e implementação dos recursos para acessibilidade voltados às pessoas cegas ou com baixa visão. E, por fim, que você reflita acerca da importância de uma correta utilização desses recursos, a partir da compreensão de seus princípios básicos.

Esta disciplina, que integra o Módulo III — *Estratégias e recursos na Educação Especial e Inclusiva* — do curso, está organizada em quatro aulas:

1. O sistema de escrita Braille: a comunicação na ponta dos dedos;
2. Leitura e escrita utilizando o sistema Braille;
3. Audiodescrição: eu vejo o que você diz;
4. Audiodescrição e acessibilidade cultural.

Esse conteúdo foi elaborado com base nas pesquisas de autores como Cerqueira (2009), Masini (2013), Michels (2016) e Motta (2012), entre outros autores, cuja obra é fundamental para compreendermos o processo de inclusão escolar.

A avaliação de conhecimentos ocorrerá de modo contínuo, durante o decorrer da disciplina, a partir do desenvolvimento das atividades propostas no *Moodle*, autoavaliações sistemáticas ao longo da disciplina, avaliações teóricas e práticas, trabalhos individuais e em grupo.

# ROTEIRO DE ESTUDO

---

- ▶ Ao final de nossas aulas, esperamos que você conheça e compreenda os princípios básicos do sistema de escrita Braille e da audiodescrição. Esperamos ainda que, por meio das atividades integradas e avaliativas propostas, você exercite e consolide, com segurança e autonomia, os conhecimentos acerca da adequada utilização dos recursos apresentados.

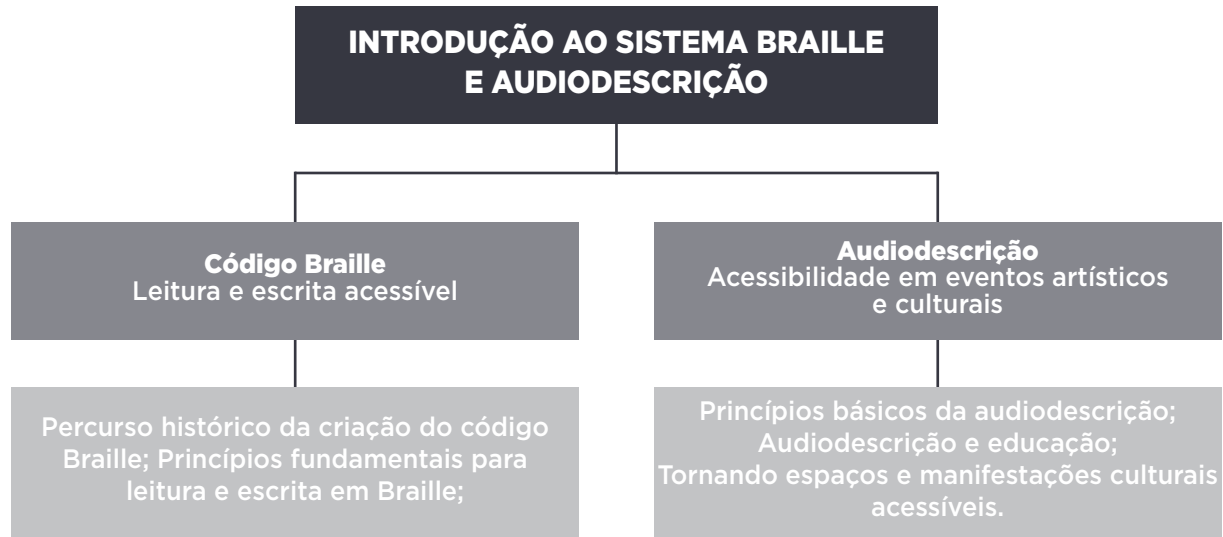
Para tanto, nossa disciplina está organizada do seguinte modo:

Nas aulas 1 (*O sistema de escrita Braille: a comunicação na ponta dos dedos*) e 2 (*Leitura e escrita utilizando o sistema Braille*), você conhecerá um pouco mais sobre a história da criação do código Braille, sua implementação no Brasil, princípios básicos para sua leitura e escrita, bem como a importância deste sistema no processo de ensino e aprendizagem junto a estudantes com deficiência visual.

O conteúdo das aulas 3 (*Audiodescrição – Eu vejo o que você diz*) e 4 (*Audiodescrição e acessibilidade cultural*), propõe a apresentação de princípios fundamentais da audiodescrição e sua aplicabilidade em ambientes educacionais, destacando também seu importante papel enquanto promotor de acessibilidade por ocasião de manifestações artísticas e culturais.



# MAPA CONCEITUAL



# INTRODUÇÃO

---

▶ No contexto da diversidade, ocorre a disseminação e produção do conhecimento no âmbito escolar. Estudantes, em sua pluralidade, contribuem com o processo de ensino e aprendizagem a partir do reconhecimento e exercício de suas potencialidades. Neste sentido, práticas educacionais pautadas na perspectiva da inclusão devem ser incentivadas e valorizadas, na medida em que buscam garantir oportunidades equânimes de aprendizado.

Considerando a importância de se levar em conta as especificidades de cada sujeito neste processo, em se tratando de pessoas com cegueira ou com algum comprometimento do sentido da visão, a utilização de alguns recursos promotores de acessibilidade são fundamentais, entre eles, o Sistema Braille e a audiodescrição.

Nesta Unidade, as duas primeiras aulas tratam acerca do Sistema Braille, composto por um código de comunicação universal, utilizado na leitura e escrita de textos, partituras musicais, algarismos matemáticos, entre outros. Tal código constitui-se a partir da combinação de seis pontos, que podem ser marcados no papel de forma manuscrita, com a utilização de reglete e punção ou automaticamente, com o uso de uma máquina apropriada para tal. Presente em livros, folders, placas de localização, embalagens, entre outros, o Braille é também sinônimo de autonomia e independência para as pessoas com cegueira.

Nas duas últimas aulas, são apresentados os princípios básicos da audiodescrição e sua utilização no espaço educacional. Este recurso, garante acessibilidade não somente às pessoas com cegueira mas também, àquelas que apresentam baixa visão, idosos, pessoas com deficiência intelectual ou algum comprometimento neurológico, por exemplo. Ao traduzirmos em palavras o conteúdo imagético a nossa volta, favorecemos a leitura de mundo e a significação do conhecimento. A audiodescrição pode ser utilizada na descrição de imagens estáticas em um livro didático, na apreciação de obras de arte em um museu, no acesso à cultura de um modo geral, assim como para garantir a efetiva participação em atividades desenvolvidas durante uma aula de campo ou exposição científica na escola, por exemplo.

Estes são recursos fundamentais no processo de construção da escola inclusiva, na medida em que pretendem garantir meios equânimes de aprendizagem. Trata-se de grandes aliados no desenvolvimento e exercício da individualidade, pautada em princípios emancipatórios para a formação do sujeito.



## REFERÊNCIAS

- ▶ BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **Grafia Braille para a Língua Portuguesa**. 2.ed. Ministério da Educação - Secretaria de Educação Especial. Brasília, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Normas técnicas para a produção de Textos em Braille**, 2ª edição. Ministério da Educação - Secretaria de Educação Especial. Brasília, 2006.
- CERQUEIRA, Jonir Bechara. O legado de Louis Braille. **Revista brasileira para cegos**. Rio de Janeiro, Edição Especial n. 2. Instituto Benjamin Constant. outubro, 2009.
- MASINI, Elcie F. Salzano. **O perceber de quem está na escola sem dispor da visão**. São Paulo: Cortez, 2013.
- MICHELS, Lisia Regina Ferreira; SILVA, Mara Cristina Fortuna da. A audiodescrição na escola. In: CARPES, Daiana Stockey. **Audiodescrição: Práticas e reflexões**. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2016.
- MOTTA, Livia Maria Villela de Mello. **O uso da audiodescrição na escola**. 2012. Disponível em: <<http://www.vercompalavras.com.br/download/o-uso-da-audiodescricao-na-escola1.pdf>>. Acesso em: 06/03/2020.
- NUNES, Sylvia; LOMÔNACO, José Fernando Bitencourt. O Aluno Cego: Preconceitos e Potencialidades. **Revista semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v.14, n.1, p.55-64, jan./jun.2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v14n1/v14n1a06.pdf>>. Acesso em 06/03/2020.
- SÁ, Elizabet Dias de; CAMPOS, Izilda Maria de; SILVA, Myriam Beatriz Campolina. **Atendimento Educacional Especializado** - Deficiência Visual. SEESP/SEED/MEC. Brasília, DF, 2007.

SÁ, Sérgio. **Feche os olhos para ver melhor**. São Paulo: Sá Editora, 2004.

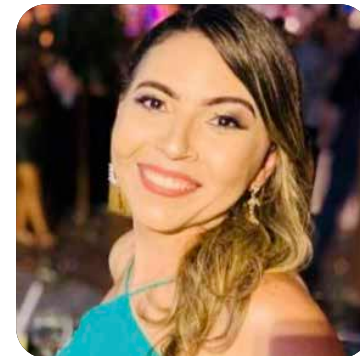
VERGARA NUNES, Elton et. al. Possibilidades de aplicações da audiodescrição. In: VANZIN, Tarcísio; DANDOLINI, Gertrudes Aparecida. (Org.). **Mídias do conhecimento**. p.116-141. Florianópolis: Padion, 2011.



## CURRÍCULO SINTÉTICO DO PROFESSOR-AUTOR

### ▶ **Eva Lúcia Maniçoba de Lima**

Pedagoga, graduada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), possui Pós-graduação *Lato Sensu* em Leitura e Produção de Textos (UFRN) e Mestrado em Educação, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Servidora da UFRN, integra a Secretaria de Inclusão e Acessibilidade - SIA". Desenvolve pesquisas acadêmicas voltadas à inclusão de pessoas com deficiência visual na educação profissional, no ensino superior, formação docente e história da educação especial.



# AULA 1

## OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

- Conhecer o contexto histórico no qual se deu a criação do sistema de escrita Braille;
- Reconhecer a importância do Sistema Braille para a educação inclusiva;
- Identificar os códigos que compõem os algarismos e letras no Sistema Braille;
- Escrever números e palavras simples utilizando o código Braille.

Especialização em  
Educação Inclusiva

## O SISTEMA DE ESCRITA BRAILLE – A COMUNICAÇÃO NA PONTA DOS DEDOS



# CONTEÚDO E SEUS DESDOBRAMENTOS

- ▶ “Olá, parceiros da inclusão! Sejam muito bem-vindos(as) a mais esta etapa na nossa formação! Nesta aula, conheceremos um pouco sobre o código de escrita Braille: sua origem, apresentação e como ele é utilizado na comunicação com pessoas não videntes. Tudo pronto? Vamos que vamos!!

**Figura 1:** pessoa fazendo a leitura de texto em Braille.



**Fonte:** <https://direcionalescolas.com.br/dia-mundial-do-braille/>

## #PRATODOMUNDOVER

Fotografia em plano de detalhe, destacando as pontas dos dedos das mãos apoiados sobre uma página escrita em Braille.

Publicado pela primeira vez em um livro no ano de 1829 e utilizado até hoje, inclusive nas revistas em quadrinhos, o código Braille revolucionou as práticas de leitura e escrita voltadas para pessoas com cegueira, no mundo inteiro.



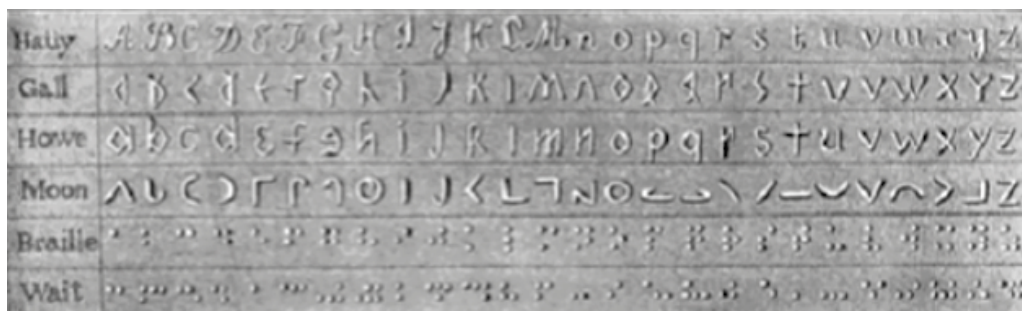
Ao possibilitar a escrita de palavras e números utilizando apenas a combinação entre 6 (seis) pontos em uma tradução universal, o Sistema Braille concedeu também às pessoas que não dispõem da visão meios para o exercício da autonomia e protagonismo, abrindo caminhos para a inclusão.

Mas, quando e onde tudo começou?

## ▶ UM POUCO DE HISTÓRIA

Até o século XVIII e início do século XIX, no processo de alfabetização voltado a pessoas com cegueira, foram utilizadas algumas estratégias de leitura e codificação anteriores ao Sistema Braille. Segundo Borges (2009) apud Lemos (1981), no intuito de alfabetizar pessoas cegas, eram utilizadas letras do alfabeto marcadas em folhas de metal maleável, letras representadas em baixo relevo sobre madeira, moldadas em argila ou em outros materiais. Na figura 2, Stadelman (2003) apresenta as codificações mais utilizadas em alfabetos táteis.

**Figura 2:** modelos de alfabetos táteis.



**Fonte:** Stadelman (2003)

### **#PRATODOMUNDOVER**

Quadro em forma retangular contendo seis modelos de alfabetos táteis, dispostos em duas colunas e seis linhas horizontais, com as letras em sequência, de A a Z. Os quatro primeiros modelos utilizam letras em relevo e os dois últimos, pontos em relevo.

Até então, a escolarização das pessoas com cegueira era realizada, prioritariamente, com a utilização de livros impressos com caracteres comuns, dispostos em relevo. Tal método era amplamente utilizado no Institut National des Jeunes Aveugles — Instituto Nacional de Jovens Cegos de Paris, primeira escola da Europa para pessoas com cegueira, inaugurado por volta do ano de 1784, por Valentin Haüy (1745-1822) . O Instituto tornou-se referência mundial no trabalho com pessoas com cegueira.

Valentin Haüy nasceu em Saint-Just-en-Chaussée, na França. De família pobre, vai à Paris realizar seus estudos clássicos, onde se destaca na área de mineralogia, sendo considerado um dos fundadores da cristalografia. Valendo-se do fato de que seu irmão era membro da Academia de Ciências, Haüy apresenta a esta seu sistema de letras em relevo e o trabalho desenvolvido por ele junto aos primeiros alunos. Assim, conquistou uma pensão real e a possibilidade de abrir uma escola para mais de 50 alunos (ESTIMADO, 2019).

Além do ensino de leitura e escrita, Haüy também se preocupava com o desenvolvimento de habilidades laborais como meio de promoção da autonomia das pessoas com cegueira. Esta perspectiva era contemplada em oficinas de tricô, cordoaria, produção de cintos e redes, entre outras atividades manuais (GUILBEAU, 1907) praticadas nas dependências do Instituto que, anos mais tarde, assumiria o esperado título de Instituto Nacional.

**Figura 3:** Fachada externa do Instituto Nacional de Jovens Cegos, em Paris.

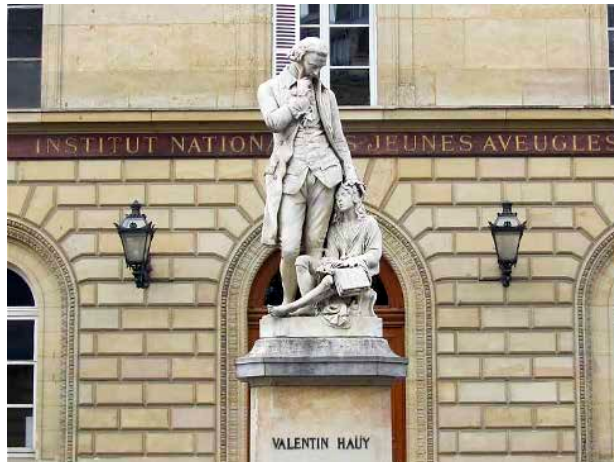


Fonte: <http://foucauld-vrsailles.fr/institut-national-des-jeunes-aveugles-paris-14123295131/>

#### **#PRATODOMUNDOVER**

Fotografia em preto e branco, destacando toda a fachada externa do Instituto que apresenta dois andares, várias janelas voltadas para o lado exterior, duas frondosas árvores próximas à entrada, uma ao lado direito e outra ao lado esquerdo e uma grande escultura em frente ao portão de acesso. Toda a parte frontal do prédio é cercada por um muro com grades.

**Figura 4:** Escultura presente em frente à entrada principal do Instituto Nacional de Jovens Cegos, em Paris.



**Fonte:** <http://foucauld-vrsailles.fr/institut-national-des-jeunes-aveugles-paris-14123295131/>

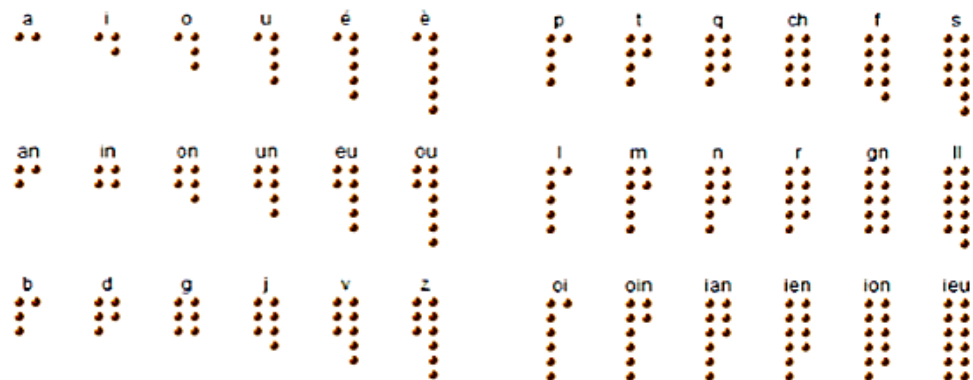
#### **#PRATODOMUNDOVER**

Escultura em tamanho real, sobre um bloco de concreto, de um homem de pé, olhando para baixo, com a mão direita próxima ao rosto e a mão esquerda estendida, tocando a cabeça de um jovem que está sentado aos seus pés, com um livro sobre o colo, olhando para frente. Na base da escultura está escrito o nome: VALENTIN HAÜY.

O mais ilustre educando deste Instituto foi Louis Braille (1809- 1852). Nascido no pequeno vilarejo de Coupvray, na França, no dia 4 de janeiro de 1809, o criador do código Braille ficou cego aos três anos de idade, após um acidente com um instrumento de trabalho de seu pai, que fabricava arreios para cavalos.

No Instituto Nacional de Jovens Cegos de Paris (também conhecido como Instituto Real de Jovens Cegos de Paris), Louis Braille teve contato com um oficial do exército de Napoleão chamado Charles Barbier, que idealizou uma técnica de leitura em alto relevo, utilizada para comunicação noturna entre os soldados (LEMOS, 1981). Essa técnica consistia em duas fileiras de até 6 (seis) pontos cada, gravadas em relevo no papel, utilizando os principais fonemas da língua francesa. No entanto, tal sistema não permitia inserir pontuação nas sentenças ou empregar acentuação gráfica, tampouco escrever números ou registrar partituras musicais.

**Figura 5:** Código pontográfico de Charles Barbier



**Fonte:** Borges (2009)

### #PRATODOMUNDOVER

Fonemas da língua francesa seguidos, logo abaixo, por sua representação na forma de pontos em relevo.

Pouco tempo depois, Louis Braille, aos 13 anos de idade, com o intuito de aperfeiçoar o código desenvolvido por Barbier, simplificou o método de comunicação, baseando-o em uma célula composta por duas colunas, com três pontos cada.

Aos 15 anos, ele concluiu o sistema, acrescentando-lhe a notação musical e numérica (KÖNIG, 2009), aos 17 anos já lecionava no Instituto Real de Jovens Cegos de Paris e, aos 20, publicou o resultado definitivo do alfabeto que revolucionaria a comunicação entre pessoas com cegueira e videntes. Louis Braille faleceu no dia 6 de janeiro de 1852, na França, vítima de tuberculose.

**Figura 6:** Representação fotográfica de Louis Braille







**Fonte:** König, 2009

#### **#PRATODOMUNDOVER**

Imagem em primeiro plano de homem jovem, branco, cabelos curtos, de olhos fechados, semblante sereno, trajando roupa de cor escura fechada até a altura do pescoço, com detalhes na cor branca nas laterais e botões na parte central.

Praticamente inalterado até os dias atuais, o código Braille tornou-se amplamente conhecido em todo o mundo. Ele permite a escrita completa de textos, números e notações musicais, por meio da musicografia Braille.

**Figura 7:** código Braille

a	b	c	d	e	f	g	h	i	j
k	l	m	n	o	p	q	r	s	t
u	v	x	y	z	ç	é	á	è	ú
â	ê	ì	ò	ù	à	í	ü	õ	w
í	ó	ã	señal numérico	-	+	—	...	grifo maiuscula	caixa alta
,	;	:	\$	?	!	()	"	*	"
1	2	3	4	5	6	7	8	9	0
 <b>cela braille completa</b>	 <b>1 4</b>	 <b>2 5</b>	 <b>3 6</b>	<b>numeração convencional dos pontos</b>					

**Fonte:** <https://www.infoescola.com/portugues/braille/>

### #PRATODOMUNDOVER

Quadro contendo todas as letras do alfabeto, sinais de pontuação e algarismos indo-arábicos seguidos, logo abaixo, de sua representação em Braille. No rodapé do quadro, há a imagem da cela Braille completa e, logo após, a numeração convencional dos pontos disposta dentro da cela Braille.

O alfabeto Braille desembarcou no Brasil, trazido por José Álvares de Azevedo (1834-1854), natural do Rio de Janeiro, que nascera com cegueira congênita e estudou dos 10 aos 16 anos no Instituto Nacional de Jovens Cegos de Paris. Retornando ao seu país de origem, Álvares de Azevedo chegou a lecionar para outras pessoas com cegueira, contribuindo, assim, para a disseminação do Sistema Braille, publicando, inclusive, diversos artigos em defesa da possibilidade da pessoa com cegueira também estudar (KÖNIG, 2009).

Por intermédio de seu pai, o Dr. José Francisco Xavier Sigaud, conseguiu uma entrevista com o Imperador Dom Pedro II, para demonstrar que a pessoa com cegueira podia ler e escrever utilizando o Sistema Braille. Pouco tempo depois, o Imperador autorizou a criação do Imperial Instituto dos Meninos Cegos, inaugurado em 17 de setembro de 1854, atual Instituto Benjamin Constant.

Pioneira na América Latina e marco inicial do atendimento escolar especial voltado às pessoas com deficiência no Brasil, essa Instituição distinguia-se do modelo europeu por incentivar práticas formativas baseadas na relação entre educação e trabalho. Por ocasião de sua inauguração, o Imperador afirmou: “A cegueira não é mais uma desgraça.” (SIGAUD, 1854, p.1).

Álvares de Azevedo faleceu seis meses antes da inauguração do Imperial Instituto dos Meninos Cegos, tornando-se, a partir de então, o patrono da educação para pessoas com cegueira no Brasil.

Atualmente, os cursos voltados para a alfabetização em Braille são ofertados por Instituições especializadas, como o Instituto Benjamin Constant, Instituto de Educação e Reabilitação de Cegos de Natal/RN (IERC), assim como em algumas universidades e até mesmo sites que ofertam cursos livres na modalidade EaD, embora nem todos sejam reconhecidos pelo Ministério da Educação.



Segundo o Ministério do Trabalho, o professor de Braille (CBO 2392-25), ou professor de alunos com deficiência visual, tem como uma de suas atribuições promover a alfabetização em português e em Braille. Para o desempenho de suas funções, requer curso superior na área de educação, com cursos ou especialização na área de educação especial.

A pessoa com cegueira não apresenta um desenvolvimento diferente das demais pessoas, no entanto, tem necessidades específicas que precisam ser consideradas ( VYGOTSKY, 1997). Uma delas é a aprendizagem da leitura e escrita em Braille, que contempla, além dos aspectos motores, o desenvolvimento da compreensão e autonomia na escrita e leitura (DIONÍSIO, 2017) por meio da utilização de instrumentos como a reglete e a máquina Perkins (apresentados com mais detalhes em nossa próxima aula).

No processo de alfabetização em Braille, o trabalho com a memória, enquanto uma das funções superiores (VYGOTSKY, 1991), em conjunto com a estimulação dos sentidos remanescentes, torna significativa a aprendizagem, na medida em que os signos apresentados estão concretamente ligados aos seus significados.

Durante o processo de alfabetização em Braille, são utilizados materiais concretos, tridimensionais, que ampliem ou simulem o Braille, como madeira, isopor, etc., de modo a promover uma maior familiarização com a cela Braille e, por meio dela, com as diversas possibilidades de escrita de letras, palavras, algarismos e números. A seguir, alguns exemplos dos recursos utilizados na alfabetização e para a produção da escrita Braille:



**Figura 10:** Blocos em Braille.



**Fonte:** <https://www.pathstoliteracy.org/>

#### #PRATODOMUNDOVER

Pequenos blocos retangulares nas cores amarelo, azul, vermelho e branco, em 3D, confeccionados em material plástico, sobre uma base para encaixe das peças, na cor preta. Na lateral menor, em tinta, está escrita uma letra e/ou um algarismo. Na parte maior, na base voltada para cima, está a sua respectiva representação em Braille.

**Figura 11:** Reglete e punção



**Fonte:** <https://www.bcprodutos.com.br>

#### #PRATODOMUNDOVER

Fotografia em plano de detalhe das mãos de pessoa utilizando a reglete e o punção, sobre folha de papel em branco.

**Figura 12:** Máquina de escrever Braille - Perkins.



**Fonte:** <https://www.pathstoliteracy.org/>

### **#PRATODOMUNDOVER**

Fotografia em preto e branco de máquina de escrever Braille, modelo Perkins. Possui nove teclas análogas a uma máquina de datilografia. A tecla central, utilizada para dar espaços, a tecla da direita para fazer o retrocesso e a esquerda para mudar de linha. As demais correspondem aos pontos 3,2,1 e 4,5,6, nesta ordem.

Com o passar do tempo, a utilização de leitores de tela, assistentes virtuais e livros digitais vem aumentando cada vez mais. No entanto, estes avanços tecnológicos devem ser vistos como aliados do sistema Braille (GANDRA, 2020), visto que não substituem a importância da escrita no processo de alfabetização infantil (o ensino da ortografia, pontuação, matemática, entre outros), tampouco os aspectos cognitivos presentes e desenvolvidos no ato da leitura, desde livros e revistas até placas de sinalização e embalagens de medicamentos, por exemplo.

O sistema de educação nacional brasileiro ainda não prevê a inserção de componente curricular voltado ao ensino do código Braille nas escolas, ditas regulares. A partir do ano de 2019, livros didáticos passaram a ser impressos em Braille e letra ampliada em português e entregues aos estudantes com deficiência visual, matriculados em escolas públicas, por meio do Programa Nacional do Livro Didático Acessível (PNLD/Acessível).

Conforme as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001), a Educação Especial perpassa todos os níveis de ensino e deve oferecer suporte para práticas de ensino inclusivas. Torna-se, assim, imprescindível o apoio de um professor especializado em Educação Especial ao professor do ensino regular para que o ensino do Braille seja universalizado.

Portanto, é fundamental que os professores também conheçam o sistema Braille, uma vez que sua utilização contribuirá em grande medida para a inclusão das pessoas com cegueira na comunidade escolar, bem como tornará mais significativo para elas o processo de ensino e aprendizagem.

#### **VOCÊ SABIA?**

A personagem Dorinha, da Turma da Mônica foi criada em homenagem à Dorina de Gouvêa Nowill (1919-2010). Nascida em São Paulo, Dorina ficou cega aos 17 anos de idade em decorrência de uma doença não diagnosticada. Criou uma fundação, que, na época, chamava-se Fundação para o Livro do Cego no Brasil, no ano de 1946 e realizou outras ações em prol da acessibilidade educacional voltada às pessoas com cegueira. Atualmente, a Fundação Dorina Nowill, trabalha com a produção e distribuição gratuita de livros em Braille, falados e digitais acessíveis, diretamente para o público e também para cerca de 3.000 escolas, bibliotecas e organizações de todo o Brasil.

**Figura 13:** Personagem Dorinha da Turma da Mônica



**Fonte:** <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dorinha>.

#### **#PRATODOMUNDOVER**

Imagem de Dorinha, personagem da Turma da Mônica. Ela possui cabelos loiros, curtos, usa brincos, calça tênis de cor rosa, veste saia, blusa e carrega uma mochila nas costas. Está esboçando um leve sorriso, usa óculos escuros, tem uma bengala na mão direita e está caminhando.

## PARA SABER MAIS...

**Figura 14:** Cartaz promocional do filme “Além da Luz”



Exibido pela primeira vez na Organização das Nações Unidas, em Nova York, por ocasião do Dia Internacional da Pessoa com Deficiência, 3 de dezembro, o premiado documentário Além da Luz, de Yves Goulart, conta a história de Louis Braille simultaneamente às experiências de seis brasileiros que, apesar de não enxergarem, realizam tarefas cotidianas de modo independente. As gravações aconteceram no Rio de Janeiro, Santa Catarina e Coupvray, na França. O filme conta com tradução em LIBRAS e audiodescrição.

### #PRATODOMUNDOVER

Fotografia em plano de fundo, nas cores preto e branco, em primeiro plano, de criança com cegueira, sem camisa, com a cabeça erguida, esboçando um sorriso. Mais abaixo, no canto esquerdo está escrita a frase: Além da luz, em letras maiores na cor preta, com contornos na cor branca. Em letras menores, logo acima da imagem, há indicações dos prêmios recebidos por este filme e no rodapé, os nomes de diretores e atores.

# REFERÊNCIAS

---

- ▶ BORGES, José Antonio dos Santos. **Do braille ao dosvox:** diferenças nas vidas dos cegos brasileiros. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Sistemas e Computação - COPPE, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica.** Brasília, DF: Secretaria de Educação Especial, SEESP, 2001.
- DIONÍSIO, Ana Maria Pereira; VECTORE, Celia; Intervenção Mediacional na aprendizagem do Braille: um estudo com crianças deficientes visuais. **Psicologia Escolar e Educacional.** vol.21, no.3. Maringá, set./dez. 2017.
- ESTIMADO, R. B.; SOFIATO, C. G. A educação de surdos e cegos na França e no Brasil. **Revista Educação Especial.** v. 32. Santa Maria, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial>>. Acesso em: 05 jul. 2020.
- GANDRA, Alana. Mundo comemora sistema Braille de ensino de escrita e leitura para cegos. **Agência Brasil**, 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-01/mundo-comemora-sistema-braille-de-escrita-e-leitura-para-cegos>>. Acesso em: 09 jul. 2020.
- GUILBEAU, Edgard. **Histoire de L'Institut Nationale Des Jeunes Aveugles.** Paris: Belin Frères, 1907
- KÖNIG, Mauri. Braille, 200 anos de liberdade. **Gazeta do Povo**, 2009. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/braille-200-anos-de-liberdade-bhjuaszkybc3b42ubqvmph5a>>. Acesso em: 01 dez. 2019.



LEMOS, Edison Ribeiro. **Educação de Excepcionais** - Evolução Histórica e Desenvolvimento no Brasil. Tese apresentada para habilitação à Livre Docência em História da Educação - Centro de Estudos Sociais Aplicados - Departamento de Fundamentos Pedagógicos - Universidade Federal Fluminense - Niterói - Setembro, 1981.

SIGAUD, José Francisco Xavier. INSTITUTO DOS MENINOS CEGOS DO BRAZIL. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro. N.º 261, 20 de setembro de 1854. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=364568\\_04&pagfis=7548](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=364568_04&pagfis=7548)> Acesso em: 30 nov. 2019.

STADELMAN, Joseph. **Education of the Blind**. Originalmente em: The Catholic Encyclopedia, Volume V, Robert Appleton Company, 1909. Traduzido por: Douglas J. Potter - K. Knight. Online Edition. 2003. Disponível em: <<https://www.newadvent.org/cathen/05306a.htm>> Acesso em: 10 dez. 2019.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **Fundamentos de Defectologia**. 2ª ed. Havana: Editorial Pueblo y Educación, 1997. (Obras Escogidas, vol. V)

## AULA 2

### OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Esperamos que, ao final desta unidade, o(a) cursista seja capaz de:

- Identificar os principais algarismos e símbolos numéricos utilizados no sistema Braille;
- Reconhecer as diretrizes básicas para a escrita em Braille: pontuação, acentos e símbolos especiais;
- Empregar os conhecimentos adquiridos na construção de textos em Braille.

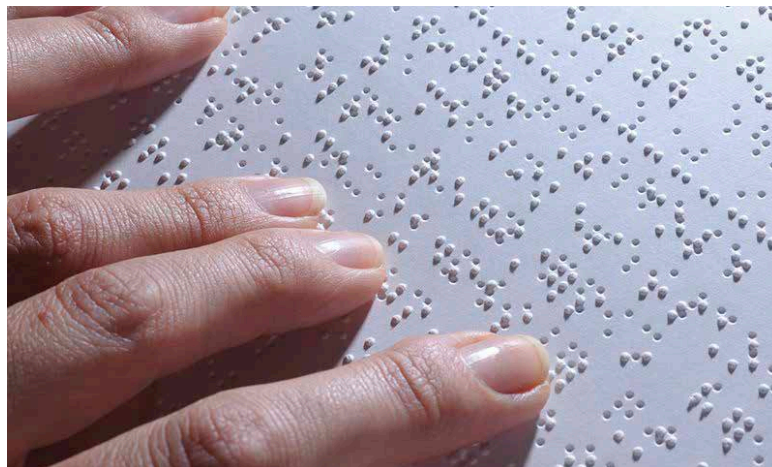
Especialização em  
Educação Inclusiva

## LEITURA E ESCRITA POR MEIO DO SISTEMA BRAILLE



# CONTEÚDO E SEUS DESDOBRAMENTOS

**Figura 1:** Leitura de texto em Braille.



**Fonte:** [www.comunhao.com.br/dia-mundial-braille](http://www.comunhao.com.br/dia-mundial-braille)

## **#PRATODOMUNDOVER**

Fotografia em plano de detalhe, destacando os dedos das mãos, apoiados sobre uma página escrita em Braille.

Olá, pessoal! Vimos até agora, o caminho percorrido desde a utilização de letras em relevo até a consolidação do alfabeto Braille. Tudo para garantir a adequada comunicação das pessoas que não dispõem do sentido da visão.

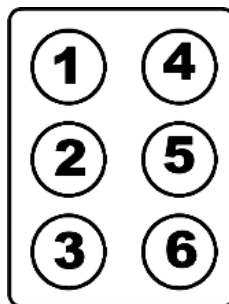
A partir de agora, iremos aprender como é possível que todas as letras do alfabeto, pontuação, sinais gráficos, algarismos numéricos e até notações musicais, sejam representadas por meio da disposição de 6 (seis) pontos, inseridos dentro de um retângulo denominado “célula” ou “cela Braille”.

## A LEITURA E A ESCRITA BRAILLE

O sistema Braille é o código de leitura e escrita das pessoas com cegueira. Trata-se de um código composto por sinais em relevo, que representam letras, sinais de pontuação, algarismos, notações musicais, entre outros. Podendo ser aplicado, por exemplo, na literatura, matemática, química e informática.

O código Braille é empregado universalmente, ou seja, não importa em que lugar do mundo você esteja, desde que o idioma utilize o alfabeto alfanumérico, o código correspondente às letras e algarismos será sempre o mesmo, na leitura e na escrita. Trata-se de um sistema de comunicação tátil, ou seja, pode ser lido por meio do toque. Nele, cada caractere é representado pela combinação de seis pontos dispostos em uma matriz de três linhas e duas colunas (3 x 2), conhecida como “célula” ou “cela Braille”, representada na figura 2.

**Figura 2:** Cela Braille



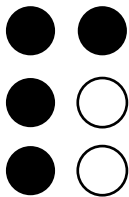
**Fonte:** simbolos.net.br

### #PRATODOMUNDOVER

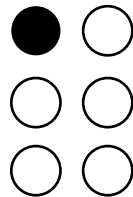
Retângulo representado no sentido vertical, contendo seis pequenas circunferências, dentro das quais estão algarismos de um a seis. Três circunferências do lado esquerdo contendo algarismos um, dois e três. Três circunferências do lado direito contendo os algarismos quatro, cinco e seis.

Desta forma, cada letra em tinta equivale a uma combinação de seis pontos em Braille, como no exemplo:

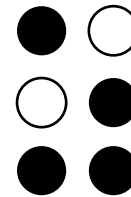
Representa a letra p



Representa a letra a



Representa a letra z



Já estão disponíveis, gratuitamente, fontes que convertem automaticamente as letras do alfabeto alfanumérico, em Braille, como por exemplo o “brailli” ou “simbraille”. Quando já estiverem instaladas no seu computador, as letras A B C D E aparecerão em Braille.

**A B C D E**

(1; 1 2; 1 4; 1 4 5; 1 5)

Segue o link para instalação da fonte “brailli”:

<http://intervox.nce.ufrj.br/~brailu/downloads.html>

Você pode instalar também o software “braille fácil”, disponível no link abaixo, que possibilita a impressão em Braille e nos ajudará nas atividades práticas de tradução em Braille:

<http://intervox.nce.ufrj.br/brfacil/>

Destacamos que a utilização destas fontes nos auxiliará no processo de escrita para pessoas videntes. No caso de pessoa com cegueira, esta conversão torna-se irrelevante e somente a impressão em Braille tornará possível a leitura e a escrita.

De acordo com sua disposição na cela Braille, cada sinal gráfico será representado como a sequência dos pontos destacados. Por exemplo:

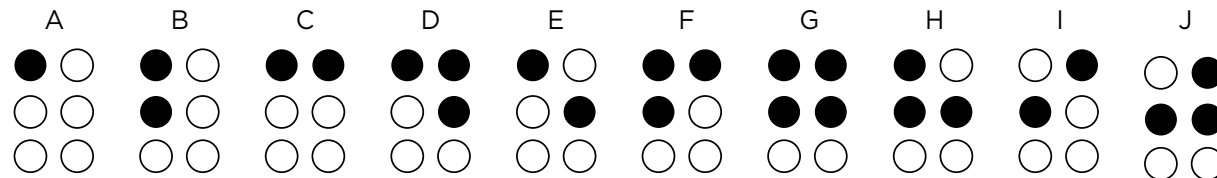
Letra **p** (1 2 3 4)

Letra **a** (1)

Letra **z** (1 3 5 6)

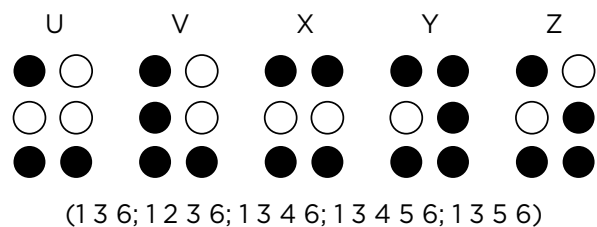
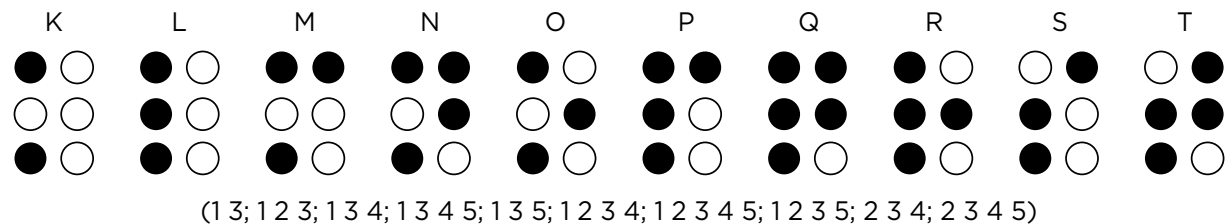
As 63 possibilidades de combinações foram pensadas inicialmente por Louis Braille associando-as a caracteres alfabéticos e notas musicais. Em relação à escrita do alfabeto, há uma sequência lógica em sua construção.

Para as letras de **a** até **j**, são utilizados os quatro pontos superiores:

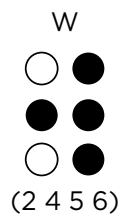


(1; 1 2; 1 4; 1 4 5; 1 5; 1 2 4; 1 2 4 5; 1 2 5; 2 4; 2 4 5)

Para as demais letras, Braille utilizou os pontos 3 e 6:



A última letra a ser inserida no alfabeto português foi a letra w, eis a sua representação:

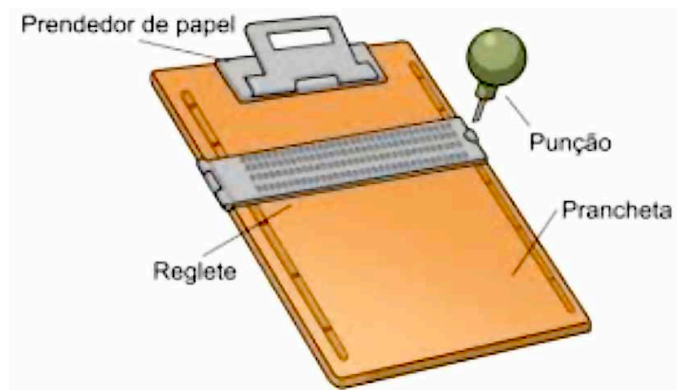


**LEMBRE-SE!**

Quanto mais praticarmos, mais rápido aprenderemos todo o alfabeto Braille.

Alguns recursos nos auxiliarão durante o processo de escrita em Braille:

**Figura 3:** Reglete de mesa convencional.



**Fonte:** NCE/UFRJ

#### **#PRATODOMUNDOVER**

Prancheta retangular contendo prendedor de papel na parte superior e furos nas laterais onde é encaixada uma grade de metal de formato retangular, contendo pequenos furos por onde a ponteira do punção é inserida.

Reglete e punção: com o auxílio do punção, os pontos em Braille são marcados no papel, seguindo a disposição das celas na reglete, que pode ser de mesa (auxílio de uma prancheta) ou de bolso (menor). As regletes podem ser classificadas, ainda, em: convencionais (aqui a escrita é realizada de modo espelhado, ou seja, da direita para a esquerda e os pontos marcados em relevo no reverso da página) ou positivas (cujo punção, por ter a ponteira em forma cônica, imprime os pontos em Braille já no anverso da folha).



**Figura 4:** punção para reglete convencional



**Fonte:** [www.lojacivian.com.br](http://www.lojacivian.com.br)

#### #PRATODOMUNDOVER

Objeto de formato cônico, com uma ponteira metálica perfurante.

Na reglete, cada retângulo vazado, recebe o nome de “cela” ou “célula” Braille.

**Figura 5:** Reglete metálica convencional.

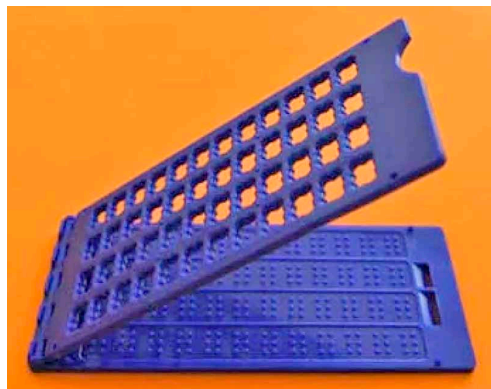


**Fonte:** [bcprodutos.com.br](http://bcprodutos.com.br)

### #PRATODOMUNDOVER

Objeto de metal em formato de régua, formado por duas partes de mesmo tamanho que se sobrepõem. A parte superior contém vários pequenos retângulos vazados e a parte inferior é formada por vários pequenos conjuntos de seis pontos, em baixo relevo.

**Figura 6:** Reglete positiva de bolso

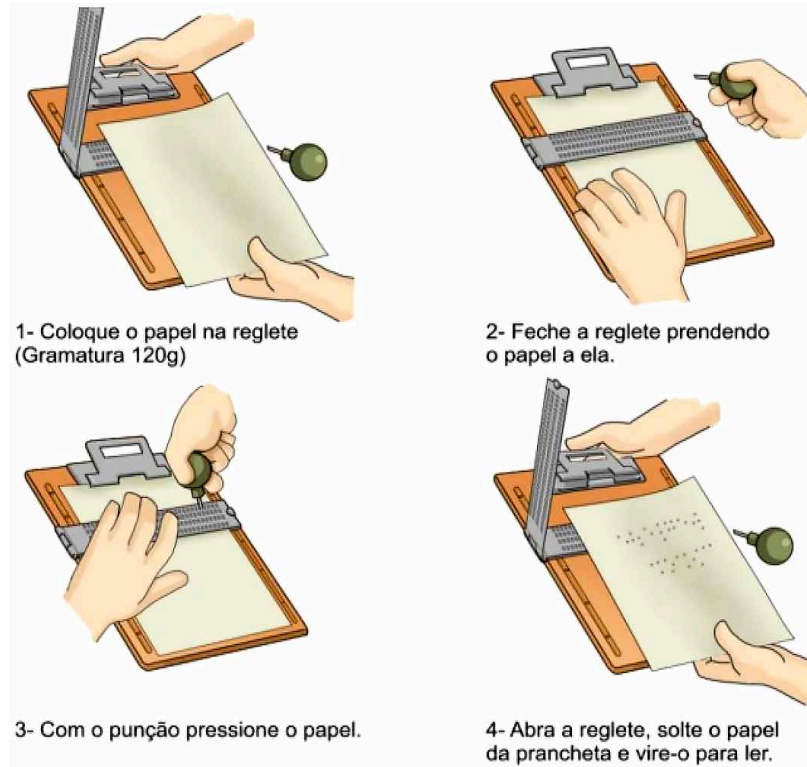


**Fonte:** <https://cevapblumenau.wordpress.com>

### #PRATODOMUNDOVER

Objeto de plástico, na cor azul, de tamanho e formato semelhante a uma régua de quinze centímetros, formado por duas partes de mesmo tamanho que se sobrepõem. A parte superior contém vários pequenos retângulos vazados e a parte inferior é formada por vários pequenos conjuntos de seis pontos, em alto relevo.

**Figura 7:** Utilização da reglete de mesa e punção - modelo convencional.



Fonte: NCE/UFRJ

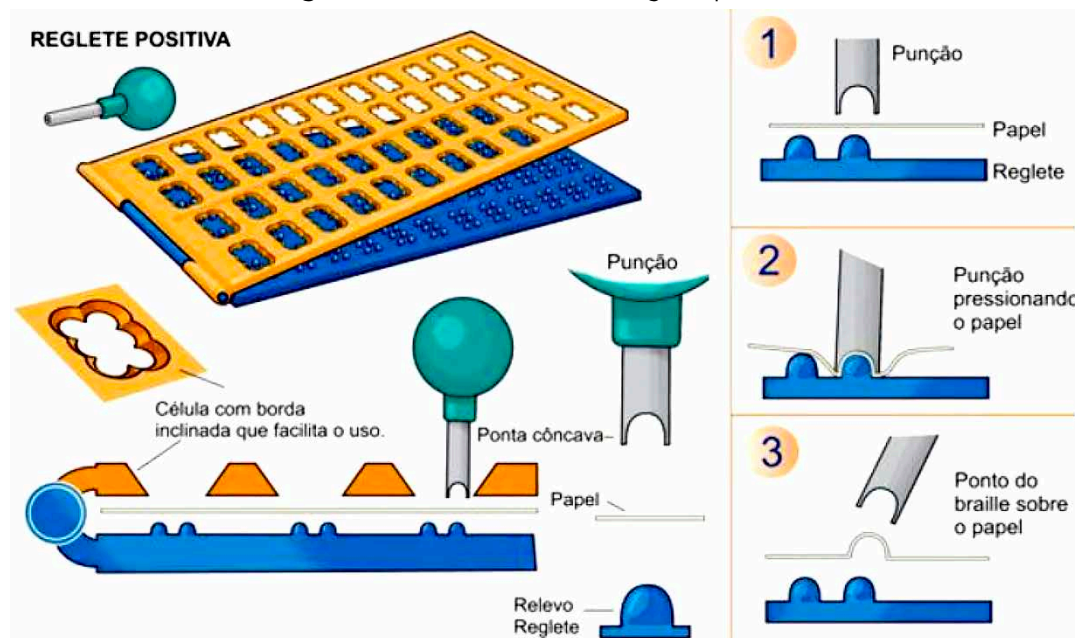
### #PRATODOMUNDOVER

Quatro figuras retratam a sequência para a correta utilização da reglete e punção de mesa, seguindo a seguinte sequência de ações: imagem um - colocar o papel na reglete; imagem dois: fechar a reglete e prender o papel a ela; imagem três: pressionar o papel com o punção; imagem 4: abrir a reglete, soltar o papel da prancheta e virá-lo para ler.

### VOCÊ SABIA?

Com a utilização da reglete positiva, graças ao formato côncavo (semelhante a uma caneta sem ponta) da ponteira metálica do punção e à presença dos pontos em forma convexa, na placa inferior da própria reglete, as palavras podem ser escritas e lidas diretamente na parte frontal da folha, conforme a figura 8.

**Figura 8:** Funcionamento da reglete positiva.



Fonte: NCE/UFRJ

### #PRATODOMUNDOVER

Desenho ampliado da reglete positiva, mostrando detalhes da ponta côncava do punção em contato com os pontos convexos presentes na reglete.

Um outro instrumento também utilizado na escrita Braille é a máquina de escrever. O modelo mais popular é conhecido como Máquina *Perkins*. Produzida originalmente em 1951 pelo professor de marcenaria David Abraham, na *Perkins School for the Blind*, nos Estados Unidos, essa máquina possui uma tecla correspondente a cada um dos seis pontos do alfabeto Braille, tecla de espaço, tecla de retrocesso e botões para fazer avançar o papel, conforme as figuras 9, 10, 11 e 12 a seguir.

**Figura 9:** Máquina Perkins - modelo tradicional.

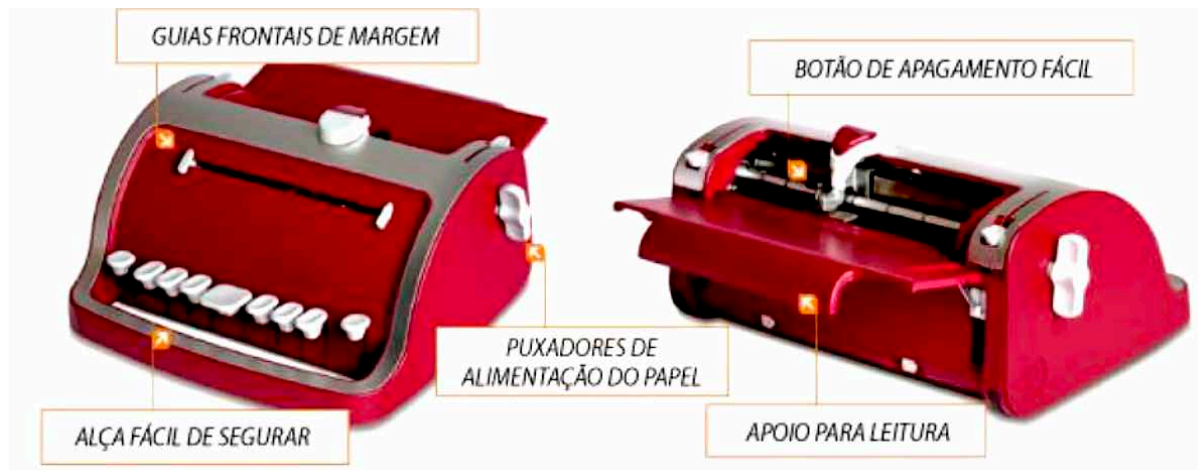


**Fonte:** [www.lojaciviam.com.br](http://www.lojaciviam.com.br)

### #PRATODOMUNDOVER

Objeto na cor cinza, semelhante a uma máquina de datilografar, contendo 9 teclas na parte frontal. Logo acima, há uma alavanca maior que pode ser movida de uma a outra extremidade da máquina. Acima, há uma alça para transporte, parcialmente embutida, do lado esquerdo, um botão giratório para alimentação do papel e na parte posterior, o espaço destinado para alimentação e saída do papel.

**Figura 10:** Máquina Perkins modelo *Next Generation*



Fonte: NCE/UFRJ

### #PRATODOMUNDOVER

Máquina nas cores vermelha e cinza, semelhante a uma máquina de datilografar, contendo 9 teclas na parte frontal. Logo acima há duas alavancas que podem ser movidas de uma a outra extremidade da máquina. Abaixo das teclas há uma alça para transporte, parcialmente embutida, dos lados esquerdo e direito há um botão giratório para alimentação do papel e, na parte posterior, o espaço destinado para alimentação e saída de papel.

**Figura 11:** Máquina Braille com retorno sonoro



**Fonte:** NCE/UFRJ

### #PRATODOMUNDOVER

Equipamento retangular na cor branca, disposto no sentido horizontal, com teclas pretas. No centro, há três teclas agrupadas à esquerda e mais três teclas agrupadas à direita. Entre elas, mais abaixo, há uma única tecla disposta no sentido horizontal. Acima das teclas, o nome "BRAILLE'N SPEAK", mais abaixo, no canto direito, há uma saída de som.

**Figura 12:** Máquina de escrever Braille com retorno sonoro e visual.



**Fonte:** NCE/UFRJ

#### **#PRATODOMUNDOVER**

Máquina nas cores vermelha e cinza, semelhante a uma máquina de datilografar, contendo 9 teclas na parte frontal. Logo acima, há um visor em formato retangular com quatro pequenos botões alinhados no sentido vertical do lado esquerdo, quatro botões em forma de semicírculo do lado direito e um botão giratório mais acima. Abaixo das teclas há uma alça para transporte, parcialmente embutida. Dos lados esquerdo e direito há um botão giratório para alimentação do papel e, na parte posterior, o espaço destinado para alimentação e saída de papel.

#### **VOCÊ SABIA?**

O recurso de Tecnologia Assistiva que traduz simultaneamente as informações fornecidas por um software leitor de tela (JAWS, NVDA, etc.) para o Braille, chama-se Linha Braille. Formada por pinos que se movem para cima e para baixo, representando uma linha de texto da tela do computador, este equipamento pode ser encontrado em sites especializados na venda de produtos para acessibilidade.



**Figura 13:** Linha Braille.



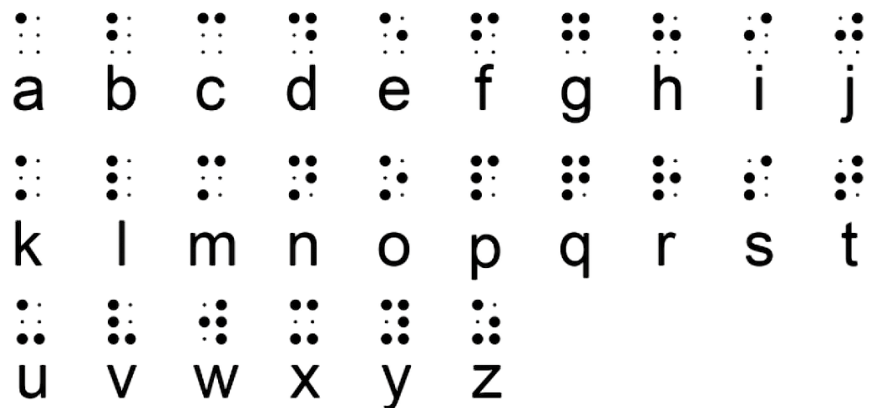
**Fonte:** <https://www.megaserafim.pt/linhas-braille-teclados-braille>

#### **#PRATODOMUNDOVER**

Fotografia em primeiro plano de dedo da mão tocando pequenos pontos brancos em um equipamento semelhante a um pequeno teclado. Acima destes, há uma sequência de pequenos botões pretos dispostos no sentido horizontal e, mais acima, oito botões maiores, na cor azul.

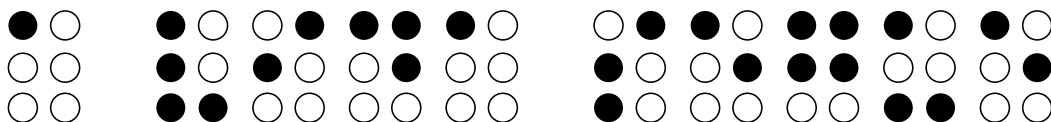
# AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM

▶ Agora que você já conhece todas as 26 letras do alfabeto em Braille e o passo a passo do processo de escrita Braille, que tal um desafio? Tente escrever ao menos 10 palavras ligadas à inclusão escolar, utilizando o alfabeto Braille. Caso queira, poderá imprimir a folha de exercícios e o quadro a seguir:

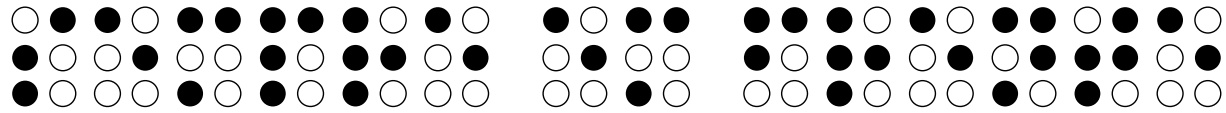


**Fonte:** <http://www.projetoacesso.org.br/site/index.php/deficiencia-visual-conceituacao/braille>

1. Vamos praticar um pouco mais? Com base no que aprendemos até aqui, traduza a frase a seguir, tentando identificar a representação correta de cada letra:



(1; espaço; 1 2 3 6; 2 4; 1 4 5; espaço; 2 3 4; 1 5; 1 2 4 5; 1 5; espaço;



2 3 4; 1 5; 1 3 4; 1 2 3 4; 1 2 3 5; 1 5; espaço; 1 5; espaço; 1 2 4; 1 2 3 5; 1 5; 1 3 4 5; 2 3 4 5; 1 5)

2. Agora vamos inverter a tradução: da letra em tinta para o Braille (se preferir, pode usar a folha de treinos)

**VIDA** ○ ○ ○ ○ ○ ○  
 ○ ○ ○ ○ ○ ○  
 ○ ○ ○ ○ ○ ○

**AMOR** ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○  
 ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○  
 ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○

**TEMPO** ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○  
 ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○  
 ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○

**RESPEITO** ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○  
 ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○  
 ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○





Já para indicar que a palavra possui todas as letras maiúsculas, devemos utilizar duas vezes seguidas os pontos 4 e 6:

**ESCOLA** ○ ● ○ ● ● ○ ○ ● ● ● ○ ● ○ ● ○

○ ○ ○ ○ ○ ● ● ○ ○ ○ ○ ○ ● ● ○ ○ ○

○ ● ○ ● ○ ○ ● ○ ○ ○ ○ ● ○ ● ○ ○ ○ ○

(4 6; 4 6; 1 5; 2 3 4; 1 4; 1 3 5; 1 2 3; 1)

## ACENTUAÇÃO

As letras com acentos gráficos são representadas por códigos específicos, como na tabela abaixo:

Á	1 2 3 5 6
À	1 2 4 6
Â	1 2 4 6 à 1 6
Ã	3 4 5
É	1 2 3 4 5 6
Ê	1 2 6
Í	3 4
Ó	3 4 6
Ô	1 4 5 6
Õ	2 4 6
Ú	2 3 4 5 6
Û	1 2 5 6
Ç	1 2 3 4 6

## EXERCITANDO MEUS CONHECIMENTOS

1. Utilize a sua folhinha para exercício Braille e copie, sem olhar, os seguintes símbolos:

. , ; : ? !

2. Escreva as seguintes frases em Braille, utilizando as pontuações aprendidas:

**Eu amo você.**

**Pedro, Paulo e Maria, vieram aqui.**

**E agora: o que faremos?**

**Nossa! Que lindo desenho.**

### LEMBRE-SE

Quanto mais você praticar, mais rápido vai se tornar um expert em Braille!}

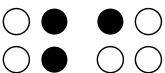
3. Escreva, em Braille, 20 palavras simples, utilizando os acentos: á, é, í, ó, ú: Por exemplo: cajá, pajé...

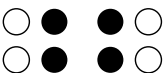
## ALGARISMOS E SÍMBOLOS NUMÉRICOS


Para registrar os números decimais em Braille, utilizamos as mesmas letras de a até j,



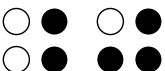
antecedidas pelo indicador de número: ●● (3 4 5 6). Por exemplo:

1.  (1)

2.  (1 2)

3.  (1 4)

e assim por diante, até chegar ao algarismo 0, representado pela letra “ j ”:

0.  (2 4 5)

1. Agora que você já conhece um pouco mais sobre a diferenciação entre letras e algarismos na escrita Braille, transcreva os seguintes números:

○ ● ○ ●  
 ○ ● ● ○  
 ● ● ○ ○ (3 4 5 6; 2 4) \_\_\_\_\_

○ ● ● ○ ● ○ ● ●  
 ○ ● ○ ○ ● ○ ○ ○  
 ● ● ○ ○ ○ ○ ○ ○ (3 4 5 6; 1; 1 2; 1 4) \_\_\_\_\_

○ ● ● ○ ● ○ ● ● ● ○  
 ○ ● ○ ● ● ● ● ○ ○  
 ● ● ○ ○ ○ ○ ○ ○ (3 4 5 6; 1 5; 1 2 5; 1 2 4; 1) \_\_\_\_\_

2. Agora, vamos fazer o processo inverso?

**2020** ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○  
 ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○  
 ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○

**12171** ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○  
 ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○  
 ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○

**578654039** ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○  
 ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○  
 ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○





# SÍNTESE DA AULA

▶ O ser humano sempre busca formas de se comunicar com as pessoas à sua volta. Com as pessoas que não dispõem do sentido da visão, não poderia ser diferente. Conhecemos até agora, um pouco de algumas estratégias de produção escrita utilizadas ao longo da história com o intuito de tornar possível a comunicação entre videntes e não videntes, desde o uso das letras convencionais em relevo até chegarmos ao sistema Braille.

Vimos que o Braille consiste em um código universal, no qual, para cada letra, sinal gráfico ou algarismo, há uma correspondente configuração de seis pontos que formam a célula Braille.

Embora o acesso cada vez mais rápido à informação seja garantido pelo avanço das Tecnologias Assistivas (como os softwares de leitores de tela, por exemplo), o Braille continua presente no cotidiano da sociedade em geral: placas de sinalização/localização, embalagens, livros e gibis, entre outros, são alguns exemplos dessa presença.

No capítulo a seguir, será apresentado um outro recurso de grande importância para o processo de inclusão de pessoas com cegueira ou baixa visão: a audiodescrição. Por meio dela, as palavras ditas oralmente buscam promover acessibilidade e inclusão nos mais diversos espaços.

## **PARA SABER MAIS...**

Algumas convenções e tratados orientam o uso do Braille no Brasil, como, por exemplo: Grafia Braille da Língua Portuguesa; Normas técnicas para a produção de textos em Braille; Código matemático unificado em Braille, entre outras publicações na área, que podem ser baixadas de forma gratuita e estão disponíveis no site:

<[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=872](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=872)>

## REFERÊNCIAS

---

▶ BORGES, José Antonio dos Santos. **Do braille ao dosvox:** diferenças nas vidas dos cegos brasileiros. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Sistemas e Computação - COPPE, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Grafia Braille para Língua Portuguesa.** 3 ed. Brasília-DF: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, 2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2018-pdf/104041-anexo-grafia-braille-para-lingua-portuguesa/file>>. Acesso em: 07/07/2020.

SÁ, Sérgio. **Feche os olhos para ver melhor.** São Paulo: Sá Editora, 2004.

## AULA 3

### OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

- Compreender os princípios básicos que orientam a Audiodescrição (AD);
- Conhecer a aplicabilidade deste recurso no contexto educacional;
- Conhecer os tipos e modalidades de Audiodescrição:
  - AD de imagens estáticas,
  - AD de imagens em movimento,
  - AD do mundo tangível (AD de exploração) e
  - AD a serviço da mobilidade/orientação.

Especialização em  
Educação Inclusiva

# AUDIODESCRIÇÃO: EU VEJO O QUE VOCÊ DIZ



# CONTEÚDO E SEUS DESDOBRAMENTOS

Figura 1: Logomarca da Audiodescrição.



Fonte: <https://www.videoshack.com.br>

## #PRATODOMUNDOVER

Imagem contendo as letras maiúsculas A e D, escritas lado a lado, na cor preta, destacadas em negrito. Logo após a letra D, há uma sequência de três parênteses. Logo abaixo das duas letras, está escrita a palavra audiodescrição, com letras maiúsculas, mas com fonte em tamanho menor, entre três parênteses.

## O QUE É AUDIODESCRIÇÃO<sup>3</sup>

Vivemos em um mundo essencialmente visual, onde imagens são produzidas e reproduzidas de modo rápido e contínuo em livros, panfletos, letreiros de propaganda, internet, revistas, etc. Enfim, estamos imersos em um mundo cercado de linguagem não verbal. Mas, e as pessoas que não podem fazer uso do sentido da visão? Como elas podem participar desta sociedade essencialmente imagética?

<sup>3</sup> **Audiodescrição ou áudio-descrição?** Nesta unidade, optamos por utilizar o termo audiodescrição (sem o hífen) em atendimento ao Novo Acordo ortográfico de 2009, o qual orienta que as palavras compostas que têm “áudio” como primeiro elemento perdem o acento e não são hifenizadas.

Segundo Franco e Silva (2010, p.19):

A audiodescrição consiste na transformação de imagens em palavras para que informações-chave transmitidas visualmente não passem despercebidas e possam também a ser acessadas por pessoas cegas ou com baixa visão.

Seu principal objetivo é, portanto, possibilitar às pessoas com cegueira, bem como àquelas com visão reduzida, idosos, com deficiência intelectual, comprometimento neurológico, etc., o acesso aos mais diversos materiais audiovisuais nos diferentes espaços sociais, culturais e educacionais.

Como exemplo, assista ao vídeo a seguir e não deixe de observar com atenção as nuances do momento descrito: o instante em que acontece a descrição da cena, os termos utilizados e os aspectos subjetivos da Audiodescrição - AD.

Vamos lá?

**Figura 2:** Produção de livros - Fundação Dorina Nowill



**Fonte:** [https://youtu.be/\\_XdhmC29WWo](https://youtu.be/_XdhmC29WWo)

### **#PRATODOMUNDOVER**

Homem de pé, vestindo camiseta cinza, segura uma pilha de livros que estão organizados em uma bancada com muitos volumes de livros de capa amarela. No canto esquerdo, uma imagem menor de um homem com camisa preta que faz um sinal em Libras.

A AD, ao promover acessibilidade, contribui também para o exercício da cidadania e para a efetiva participação social das pessoas que possuem algum comprometimento do sentido da visão. Nesta perspectiva, Motta e Romeu Filho (2010, p. 11), assim definem a AD e sua relação com a inclusão social.

A audiodescrição é um recurso de acessibilidade que amplia o entendimento das pessoas com deficiência visual em eventos culturais, gravados ou ao vivo, como peças de teatro, programas de TV, exposições, mostras, músicas, óperas, desfiles e espetáculos de dança; eventos turísticos, esportivos, pedagógicos e científicos, tais como aulas, seminários, congressos, palestras, feiras e outros, por meio de informação sonora. É uma atividade de mediação linguística, uma modalidade de tradução intersemiótica, que transforma o visual em verbal, abrindo possibilidades maiores de acesso à cultura e à informação, contribuindo para a inclusão cultural, social e escolar.

### **UM BREVE HISTÓRICO**

Enquanto atividade técnica, a AD tem seus primeiros registros durante meados da década de 1970, nos Estados Unidos. Após sua estréia em programas televisivos, em 1982, a AD passou também a ser oferecida em espetáculos de ópera e sessões de cinema (FRANCO; SILVA, 2010). No Brasil, o primeiro registro oficial de utilização da AD aconteceu no ano de 2003, durante a 1ª Mostra internacional de filmes sobre deficiência, intitulada: “Assim Vivemos” — com exibição de filmes, vídeos e a realização de debates, inseridos em uma programação totalmente acessível

para pessoas com deficiência visual e auditiva. Em 2005, entrou em cartaz nos cinemas o filme “Irmãos de Fé”, seguido de “Ensaio sobre a cegueira”, em 2008, ambos disponíveis com AD, exibidos de forma comercial em salas por todo o país.

A partir da promulgação da Lei n.º 10.098 (BRASIL, 2000), regulamentada posteriormente pelos Decretos: n.º 5.296 (2004), n.º 5.645 (2005) e n.º 5.762 (2006a), o recurso da AD tornou-se um direito garantido legalmente. A partir de então, as emissoras de TV aberta do Brasil, foram obrigadas a veicular parte de sua programação, com uso desse recurso, por meio da função SAP ( do inglês Programa Secundário de Áudio).

## **PRINCÍPIOS DA AUDIODESCRIÇÃO**

O espaço escolar, enquanto locus privilegiado para discussão e construção de saberes também está repleto de imagens, que têm grande importância no processo de ensino e aprendizagem. Neste contexto, a audiodescrição, enquanto recurso de acessibilidade e ferramenta pedagógica, torna-se uma forte aliada na remoção de barreiras comunicacionais (MOTTA, 2016) e promoção da inclusão social.

Em um ambiente educacional, a AD contribui para a formação do conhecimento e o exercício da cidadania não somente por parte do estudante com deficiência visual, como também do professor — na medida em que permite a ampliação do repertório linguístico — e, ainda, por parte dos colegas videntes, que têm a oportunidade de desenvolver o senso de observação bem como o trabalho cooperativo.

AD é sinônimo de tradução visual, ou seja, traduzir em palavras o conteúdo imagético. A quantidade de descrição necessária está condicionada ao que será descrito: desde uma pessoa ou objeto estático a um espetáculo teatral ou a uma sequência da apresentação de slides em

uma palestra. Pode acontecer ao vivo, com o uso de cabines apropriadas para tal, gravada ou realizada por meio de audioguias<sup>4</sup>.

Em exposições científicas, espaços culturais ou museus, por exemplo, obras de arte, telas e outras expressões artísticas que não possam ser tocadas, poderão ser apreciadas com a utilização da audiodescrição, que poderá ser gravada em audioguias, conforme a imagem a seguir:

**Figura 3:** Pessoas utilizando audioguias.



**Fonte:** <http://www.vercompalavras.com.br>

---

<sup>4</sup> O audioguia ou guia áudio é um sistema de locução utilizado em passeios turísticos, visitas a museus, centros históricos, entre outros espaços culturais. A AD é previamente gravada em dispositivos eletrônicos e digitais e permite a visualização do local e obras de arte e monumentos expostos em um museu, por exemplo.  
Fonte: <http://vercompalavras.com.br/pdf/a-audiodescricao-na-escola.pdf>



## #PRATODOMUNDOVER

Imagem contendo pessoas com deficiência visual em um museu. Uma mulher e dois homens com fones de ouvido e receptores tocam algumas esculturas. Um homem cego, com fones de ouvido, observa uma tela na parede.

Neste contexto, Mattoso (2012, p.53-54) destaca que,

[...] traduzindo imagens em palavras, a AD surge como única possibilidade a partir da qual é possível dizer que uma obra de arte que, em princípio, somente seria apreendida pelo sentido da visão, possa significar “conteúdo informacional” para pessoas com deficiência visual, ou seja, a obra de arte como fonte de informação.

Na AD realizada em tempo real, a pessoa vidente pode assumir o papel de um narrador do contexto no qual a pessoa que não enxerga está inserida, atualizando sua percepção espacial a partir das informações que vai lhe transmitindo em tempo real.

Como por exemplo, em um auditório aguardando o início da palestra, o audiodescritor informa: “A palestrante acabou de entrar no auditório. Ela usa óculos, está vestindo blusa branca, calça azul e traz em suas mãos vários livros”. É interessante percebermos a relevância da AD no processo de construção da imagem mental de objetos, das cenas e até mesmo da realidade dinâmica na qual o sujeito não vidente está inserido, ao acrescentar detalhes, nuances e perspectivas antes percebidas somente de modo visual.

Desde o ano de 2013, a profissão de audiodescritor está registrada na CBO (Classificação Brasileira de Ocupações) do Ministério do Trabalho. Um projeto de Lei (PL 5156/2013) prevê três perfis de especialistas em AD: audiodescritor roteirista, audiodescritor narrador e audiodescritor consultor. A grande maioria dos cursos de formação de audiodescritores oferecidos no Brasil são de curta duração.

O audiodescritor é um observador ativo e, ao selecionar o que é mais importante para a compreensão, parte do geral para o específico (Alves; Teles; Pereira, 2011). Considerando a AD enquanto exercício promotor de equidade e autonomia, convém destacarmos alguns princípios fundamentais na utilização deste recurso:

- a. Procure descrever da forma mais consistente possível, de modo a oportunizar a construção da imagem mental fiel à realidade. Não devemos, portanto, descrever o que não vemos, nem tão pouco realizar inferências, de modo a ferir princípios éticos;
- b. Em relação ao tempo, Vieira (2010, p.36) afirma que “os audiodescritores devem descrever com parcimônia, a fim de comunicarem as informações essenciais de uma maneira pontual”;
- c. Priorizar o conteúdo mais importante, de modo semelhante ao texto jornalístico (VIEIRA,2010);
- d. Deve-se buscar descrever a partir do ponto de vista de quem enxerga. Por exemplo: “à esquerda”, significa que o objeto está à esquerda de quem olha para o item;

A audiodescrição realizada em tempo real é igualmente importante. Aqui, a pessoa vidente pode assumir o papel de um narrador do contexto no qual a pessoa que não enxerga está inserida, atualizando sua percepção espacial a partir das informações que vai lhe transmitindo ao mesmo tempo em que acontecem. Como, por exemplo, durante um espetáculo teatral: “Um novo ator acabou de entrar em cena correndo pelo palco”.

Para Clark (2007), a audiodescrição, enquanto tradução visual, precisa visar à autonomia e ao empoderamento da pessoa com deficiência, resguardando valores éticos como o de evitar a censura linguística ou imagética e o princípio de não se subestimar a pessoa com deficiência visual.

# AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM

- ▶ Para exercitar nossos conhecimentos de olhos vendados, assista ao curta-metragem a seguir, intitulado “Perfeito”<sup>3</sup>, de Maurício Bartok. Ao final, em uma folha de papel em branco, registre por meio de um desenho sua impressão do conteúdo audiodescrito e, em seguida, assista ao vídeo novamente, desta vez utilizando também o sentido da visão. Vamos lá?

**Figura 4:** Cartaz com cena do curta-metragem “Perfeito”.



**Fonte:** <https://youtu.be/kC3V0IrdKK0>

## #PRATODOMUNDOVER

Personagem de madeira, semelhante a uma figura humana, levanta a mão esquerda em direção ao rosto de uma figura humana feminina, esculpida em madeira.

<sup>3</sup> Audiodescrição produzida pela Radioativa Produtora.

**LEMBRE-SE:**

Durante a audiodescrição, devemos lembrar o quanto é importante deixar os julgamentos e opiniões de lado, embora não se consiga manter a neutralidade, em relação ao conteúdo visual descrito, destacando detalhes relevantes para a contextualização e a compreensão do conteúdo objeto da descrição.

A AD pode, portanto, traduzir as emoções que estão representadas pelo não dito.



# SÍNTESE DA AULA

- ▶ Nesta aula, destacamos a importância da audiodescrição enquanto recurso promotor da equidade social e da eliminação de barreiras comunicacionais entre pessoas videntes e não videntes. Na próxima unidade, conheceremos um pouco mais acerca da relação entre a AD e o contexto educacional, considerando imagens estáticas (cartazes, fotos, imagens de livros, representações gráficas, etc.) e em movimento, colocando em prática o que aprendemos até aqui sobre a utilização deste recurso.

Até mais!

## PARA SABER MAIS...

**Figura 5:** Capa do livro: “Audiodescrição: transformando imagens em palavras”.



**Fonte:** <http://www.bancodeescola.com/audiodescricao-transformando-imagens-em-palavras.htm>

### **#PRATODOMUNDOVER**

A capa, criada por Aracy Bernardes, nas cores ocre, vinho e marrom, é ilustrada por metade de um rosto, três imagens sobrepostas desfocadas de personagens em cena, do meio para o lado esquerdo superior. Um fluxo de letras sai da boca da pessoa sobre fotos descoloridas de praia e flor na parte inferior. O título e os nomes dos organizadores estão escritos com letras pretas sobre fundo ocre na parte superior e inferior da capa.



# SUGESTÃO PARA ATIVIDADE

- ▶ Vamos praticar um pouco do que aprendemos até aqui? Que tal uma visita guiada à escola, utilizando a AD?
- Convide os participantes para que, em pares, façam um passeio diferente pela escola, onde uma pessoa de cada dupla ficará vendada e a outra será o guia, utilizando os princípios da AD.
  - Siga algumas dicas de condução e orientação sugeridas por Mara Gabrilli no Manual de Convivência, que você pode baixar por meio do seguinte link: [https://www.maragabrilli.com.br/wp-content/uploads/2017/10/manual\\_web.pdf](https://www.maragabrilli.com.br/wp-content/uploads/2017/10/manual_web.pdf)
  - No decorrer do trajeto, o participante que está guiando poderá ser orientado pelas seguintes perguntas:
    - Como é a entrada da escola?
    - Qual a cor das paredes?
    - Há quadros de avisos ou cartazes nas paredes?
    - Como é o piso? Como é a área externa?
    - Como está organizada a estrutura arquitetônica da escola? Como é o pátio? E o refeitório?
    - Há escadas? Onde estão?
    - Como é a biblioteca? Quais materiais estão disponibilizados nela?
    - Quais as características físicas da(o) bibliotecária(o)?
    - Como está a limpeza da escola? Onde estão os cestos de lixo?
  - Após o término do percurso sugerido, a experiência deverá ser compartilhada oralmente por todos os participantes, destacando as impressões percebidas por cada componente das duplas, a partir da perspectiva então vivenciada;
  - Além de avaliar a compreensão dos conhecimentos até aqui trabalhados e promover o exercício da empatia, as informações obtidas durante esta atividade poderão contribuir para a avaliação da acessibilidade arquitetônica do espaço escolar.

## REFERÊNCIAS

▶ ALVES, Soraya Ferreira; TELES, Veryanne Couto; PEREIRA, Tomás Verdi. Propostas para um modelo brasileiro de audiodescrição para deficientes visuais. **Revista Tradução e Comunicação**, n. 22, 2011. Disponível em: <<http://sare.unianhanguera.edu.br/index.php/rtcom/article/view/3158>>. Acesso em: 05 jul. 2020.

BRASIL. **Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000**. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. D.O.U., 20 dez. 2000. Disponível em: <<http://www3.dataprev.gov.br/SISLEX/paginas/42/2000/10098.htm>>. Acesso em: 03 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004**. Regulamenta as Leis nº 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. D.O.U., 3 dez. 2004. Disponível em: <<http://www010.dataprev.gov.br/sislex/paginas/23/2004/5296.htm>>. Acesso em: 03 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 5.645, de 28 de dezembro de 2005**. Dá nova redação ao art. 53 do Decreto nº 5.296, de dezembro de 2004. D.O.U., 29 dez. 2005. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5645.htm)>. Acesso em: 03 mar. 2020.

CLARK, Joe. **Accessibility, Design, Writing Standard techniques in audio description**, 2007. Disponível em <<http://joeclark.org/access/description/ad-principles.html>>. Acesso em 10 mar. 2020.

Diretrizes para áudio-descrição e código de conduta profissional para áudio-descritores, baseados no treinamento e capacitação de áudio-descritores e formadores dos Estados Unidos 2007-2008. Traduzido por VIEIRA, Paulo. **Revista Brasileira de Tradução Visual**, v. 4, set. 2010. Disponível em: <<http://www.rbtv.associadosdainclusao.com.br/index.php/principal/search/results>>. Acesso em: 03 mar. 2020.



FRANCO, E. P. C.; SILVA, M. C. C. C. **Audiodescrição**: breve passeio histórico. In: Audiodescrição: transformando imagens em palavras. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010.

MATTOSO, Verônica de Andrade. **Ora, direis, ouvir imagens?** Um olhar sobre o potencial informativo da áudio-descrição aplicada a obras de artes visuais bidimensionais como representação sonora da informação em arte para pessoas com deficiência visual. Dissertação de mestrado. UFRJ, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<https://www.dropbox.com/s/inureoqir6mn2bo/mattoso2012.pdf>>. Acesso em: 04 mar. 2020.

MOTTA, Livia Maria V. de M. **A audiodescrição na escola**: abrindo caminhos para leitura de mundo. Minas Gerais, Ed. pontes. 2016.

\_\_\_\_\_; ROMEU FILHO, P. (Orgs.). **Audiodescrição**: transformando imagens em palavras. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010.

VIEIRA, Paulo. União em prol da áudio-descrição. **Revista Brasileira de Tradução Visual**, América do Norte, v. 4, set. 2010. Disponível em: <<http://www.rbtv.associadosdainclusao.com.br/index.php/principal/article/view/54>> Acesso em: 04 mar. 2020.

## AULA 4

### OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Consolidar os conhecimentos acerca da audiodescrição e sua relação com a acessibilidade cultural no contexto escolar, a partir da sua aplicação em eventos e atividades culturais realizados no âmbito educacional.

Especialização em  
Educação Inclusiva

# AUDIODESCRIÇÃO E ACESSIBILIDADE CULTURAL



## CONTEÚDO E SEUS DESDOBRAMENTOS

- ▶ Estamos chegando ao final do nosso módulo *Introdução ao Sistema Braille e à Audiodescrição*. Nesta aula, vamos exercitar o que já aprendemos até aqui sobre audiodescrição e sua importância para a garantia da acessibilidade, também em eventos e atividades culturais, promovidas no âmbito educacional.

Vamos iniciar utilizando uma estratégia semelhante àquela empregada na unidade anterior. Inicialmente, desconsidere as imagens e ouça apenas a AD presente no vídeo a seguir, tentando construir uma imagem mental de seu conteúdo. Em seguida, assista novamente ao curta-metragem, prestando atenção ao recurso da AD em conjunto com as imagens. Por fim, compare as duas experiências.

**Figura 1:** Cena do curta-metragem “Porco espinho”



**Fonte:** <https://youtu.be/yYZOJ-Rn9hU> - “Porco espinho” (youtube.com)

### #PRATODOMUNDOVER

Fotografia em primeiro plano do personagem principal do curta-metragem, um porco espinho sentado atrás de uma carteira escolar, expressando preocupação, olhando para frente.

Então? Quais foram as suas impressões? Em sua opinião, utilizar a visão e a AD, simultaneamente, modificou o entendimento da mensagem presente no vídeo?

A escola é também lugar de apreciação artística e produção cultural. A participação em eventos, palestras, seminários, espaços que promovam a vivência da arte em suas diversas expressões, dentre outras atividades, deve ser acessível a todos os estudantes. Garantimos, assim, oportunidades equânimes para construção do conhecimento.

Neste sentido, Motta (s.d., p. 6) afirma que: “O acesso às artes é essencial para o desenvolvimento de habilidades para a vida acadêmica e profissional, possibilitando que o aluno teça e estabeleça ligações com o aprendido em sala”. Ou seja, tendo acesso às artes, o aluno construirá conhecimentos mais significativos a partir de novas possibilidades e perspectivas.

Em referência à utilização do recurso da AD em âmbito educacional, Moraes, Tavares e Lopes (2015, p. 66-67) afirmam que:

O aluno com deficiência visual nas escolas deve ter assegurada a plena participação como apreciador e/ou criador de diferentes linguagens artísticas. Para tanto, é necessário recorrer ao recurso de áudio-descrição, a fim de usufruir das imagens visuais contidas nas diversas produções artísticas, facilitando, assim, a compreensão dos conteúdos da obra, observando-se as relações entre arte e leitura da realidade, refletindo, indagando e exercitando discussões de modo crítico e sensível.

Neste sentido, a AD está diretamente ligada à inclusão educacional e é um dos mais importantes recursos de acessibilidade pois, “Quando aplicada ao contexto educacional, permite a equiparação de oportunidades, o acesso ao mundo das imagens e a eliminação de barreiras comunicacionais.” (DEFENDI, 2017, p. 1).

Assim sendo, a AD pode proporcionar àqueles que possuem deficiência visual ou algum comprometimento do sentido da visão, o exercício da autonomia, e aos audiodescritores, uma oportunidade para o desenvolvimento do seu repertório linguístico.



# ATIVIDADES INTEGRADAS

▶ E então? Vamos praticar?!

Assista aos vídeos a seguir, inicialmente sem o áudio e sem a AD, somente com a imagem e, logo em seguida, escreva em uma folha de papel um possível roteiro que descreva o enredo de cada curta-metragem.

Concluída essa etapa, assista novamente aos vídeos, agora com a AD e compare com os seus registros escritos.

<https://youtu.be/mtLeuAOwRiY> - O corpo fala

<https://youtu.be/iQFDmz3xPIM> - Com a visão não se brinca

## **LEMBRE-SE:**

A prática diária, aliada à vivência de situações onde seja requisitado o uso de recursos para a acessibilidade, consolidam novos conhecimentos!

## SÍNTESE DA AULA

---

- ▶ Chegamos ao final de nossa aula! Nela, aprendemos um pouco mais sobre a AD e sua importância na garantia da acessibilidade cultural no contexto educacional. Conhecemos algumas possibilidades de apreciação da arte, para além do uso da visão, como prática inclusiva e promotora de equidade e autonomia.

# LEITURAS COMPLEMENTARES

▶ Para encerrar nossa unidade, que tal um bom filme com AD?

**Figura 2:** Cartaz promocional do filme “Histórias Cruzadas”.



Fonte: <http://cegosbrasil.net/content/historias-cruzadas>

## #PRATODOMUNDOVER

Sobre um fundo amarelo há quatro mulheres ao centro. Duas mulheres negras, em pé, vestidas como empregadas domésticas, conversam entre si. Ao lado, duas mulheres brancas usando vestidos florais estão sentadas em um banco. Uma delas olha para frente e a outra olha sobre o ombro, para seu lado esquerdo. Em letras maiores, mais acima, o título “Histórias Cruzadas”.



**SINOPSE:** A história se passa em uma pequena cidade no estado do Mississippi, nos anos 60. Skeeter (Emma Stone) é uma garota da sociedade que retorna determinada a se tornar escritora. Ela começa a entrevistar as mulheres negras da cidade, que deixaram suas vidas para trabalhar na criação dos filhos da elite branca, da qual a própria Skeeter faz parte. Aibileen Clark (Viola Davis), a empregada e melhor amiga de Skeeter, é a primeira a conceder uma entrevista, o que desagradou a sociedade como um todo. Apesar das críticas, Skeeter e Aibileen continuam trabalhando juntas e, aos poucos, conseguem novas adesões.

Este e outros títulos estão disponíveis no site: <http://cegosbrasil.net/audiodescritos/filmes>. Nele, você encontra filmes, séries, seriados, desenhos e curta-metragens, todos com AD.

Você pode também apreciar diversas obras de arte, acessando o site: <http://artedescrita.blogspot.com/>, assim definido por seu autor:

O Blog Arte Descrita é um espaço que permite a análise e tradução visual, de diversas formas de manifestações artísticas inerentes às Artes Visuais, Cênicas, Arquitetura, Música, Moda e lojavirtual Design.

Para nos familiarizarmos ainda mais com a AD, observe, como exemplo, a seguinte descrição da obra *Abaporu*, de Tarsila do Amaral:

**Figura 3:** Tela Abaporu (1928) - Tarsila do Amaral



**Fonte:** [www.historiadasartes.com](http://www.historiadasartes.com)



### #PRATODOMUNDOVER

Abaporu é uma pintura, óleo sobre tela, com oitenta e cinco centímetros de altura por setenta e três centímetros de largura. Está localizada no Museu de Arte Latino-Americana de Buenos Aires (MALBA), na Argentina. É datada de 1928 e considerada símbolo do Movimento Modernista Brasileiro. Tarsila do Amaral retratava a brasilidade moderna e colorida. Abaporu é sua obra mais representativa e uma das obras brasileiras mais valiosas no mercado de arte internacional. Alguns críticos sugerem que Abaporu seria uma releitura de O Pensador, de Auguste Rodin. O quadro apresenta uma figura solitária, monstruosa, pés imensos, sentada numa planície verde, o braço dobrado num joelho, a mão sustentando o peso-pena da cabecinha-minúscula. Em frente, um cactus explodindo em uma enorme flor. Ao fundo, o céu azul e o sol, um círculo amarelo, entre a figura e o cactus, de cor esverdeada. Essas cores, parecem remeter, intencionalmente, às cores da bandeira brasileira. Na obra, Tarsila valorizou o trabalho braçal (corpo grande) e desvalorizou o trabalho mental (cabeça pequena), pois era o trabalho braçal que tinha maior impacto naquela época. A representação sugere o homem plantado na terra. É a figura de pés grandes, plantados no chão brasileiro, sugerindo a idéia da terra, do homem nativo, selvagem, antropófago, como o próprio nome Abaporu indica, em sua tradução, do tupi-guarani, homem que come carne humana.

# AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM

▶ Para avaliar o que aprendemos sobre AD, observe a seguinte pintura:

**Figura 4:** Tela Barco com Bandeirinhas e Pássaros - Alfredo Volpi (1955).



**Fonte:** acervo.mac.usp.br

Agora, registre em uma folha em branco a sua AD. Como você descreveria essa obra a uma pessoa não vidente? Só depois, compare com a resposta no link abaixo:

<http://artedescreta.blogspot.com/2012/07/audio-descricao-da-pintura-barco-com.html>

CEREJEIRA, T. L. T. Áudio-descrição da Pintura “Barco com Bandeirinhas e Pássaros” de Alfredo Volpi.

Sentir a emoção de estar incluído na sociedade, tendo acesso de fato ao que ocorre ao seu redor, não tem preço! Somente quem necessita pode descrever a importância desse recurso. Haverá um dia em que audiodescrição será tarefa normal em todas as esferas da sociedade. (Lívia Motta)

Um abraço e bons estudos!

## REFERÊNCIAS

- D'ÁVILA, Renato. Pioneira em audiodescrição, Livia Motta revela avanços do recurso e o crescimento de demandas no país. **G1**, Sergipe, 01 ago. 2017. Seção Novo Olhar. Disponível em: <<http://g1.globo.com/se/sergipe/blog/novo-olhar/post/pioneira-em-audiodescricao-livia-motta-revela-avancos-do-recurso-e-o-crescimento-de-demandas-no-pais.html>>. Acesso em 26 jul. 2020.
- DEFENDI, Edson Luiz. A audiodescrição em sala de aula. **Trocando Saberes**, 2017. Disponível em: <<http://trocandosaberes.com.br/wp-content/uploads/2016/09/A-audiodescri%C3%A7%C3%A3o-em-sala-de-aula.pdf>>. Acesso em 24 jul. 2020.
- MATTOSO, Verônica de Andrade. **Ora, direis, ouvir imagens?** Um olhar sobre o potencial informativo da áudio-descrição aplicada a obras de artes visuais bidimensionais como representação sonora da informação em arte para pessoas com deficiência visual. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) — Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, UFRJ, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<https://www.dropbox.com/s/inureoqir6mn2bo/mattoso2012.pdf>>. Acesso em: 04 mar. 2020.
- MORAES, Ana Beatriz L; TAVARES, Maria Cecília; LOPES, Ana Maura A. Áudio-descrição na escola: uma proposta pedagógica inclusiva de acessibilidade cultural. **Benjamin Constant**, Rio de Janeiro, ano 21, n. 58, v. 1, p. 64-78, jan.-jun. 2015. Disponível em: <[http://www.ibr.gov.br/images/conteudo/revistas/benjamin\\_constant/2015/edicao-58-volume-1-janeiro-junho/BC58\\_1\\_Artigo4.pdf](http://www.ibr.gov.br/images/conteudo/revistas/benjamin_constant/2015/edicao-58-volume-1-janeiro-junho/BC58_1_Artigo4.pdf)>. Acesso em: 24 jul. 2020.
- MOTTA, Livia Maria V. M.; ROMEU FILHO, Paulo (Orgs.). **Audiodescrição: transformando imagens em palavras**. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010.
- MOTTA, Livia Maria V. M. A audiodescrição na escola: abrindo caminhos para leitura de mundo. **Ver com palavras**. Disponível em: <<https://vercompalavras.com.br/pdf/a-audiodescricao-na-escola.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2020.

VIEIRA, P. União em prol da áudio-descrição. **Revista Brasileira de Tradução Visual**, América do Norte, 4, set. 2010. Disponível em: <<http://www.rbtv.associadosdainclusao.com.br/index.php/principal/article/view/54>>  
Acesso em: 04 mar. 2020.

